



"... Congratulo-me com os poloneses gaúchos, com os gaúchos poloneses, enfim, com os brasileiros descendentes dos imigrantes poloneses, por serem mais que brasileiros por nascimento e cidadania, por espírito".

(Prefeito Zeno Rakowski, de Dom Feliciano-RS, na abertura do programa do centenário da imigração polonesa naquele município).

PORTE PAGO
PRT/PR - 2272/90

O ÚNICO SEMANÁRIO DA
CULTURA POLÔNICA NO
BRASIL, DESDE 1920.

ANO LXXI — N.º 4.208 — (07/91)

CURITIBA — PARANÁ

22 DE FEVEREIRO DE 1991

CNBB lança a Campanha da Fraternidade

BRASÍLIA (AJB) — A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, lançou dia 13 p.p. em cadeia de rádio e televisão a Campanha da Fraternidade deste ano, denominada "Solidários na Dignidade do Trabalho". Com este anúncio, feito numa mensagem de 13 minutos pelo presidente da entidade, Dom Luciano Mendes de Almeida, a Igreja Católica passa a assumir o conflito existente entre o capital e o trabalho e irá se colocar definitivamente ao lado da classe trabalhadora durante a ocupação de terras e mutirões.

Sustentado por um texto-base de 327 páginas, Campanha da Fraternidade, no Brasil, foi preparada pela Assessoria Social da CNBB, coordenada pelo bispo de Imperatriz (MA), Dom Afonso Gregório, com o apoio dos padres Inácio Neutzing da Comissão Pastoral Operária (CPO), e Dagoberto Boim, secretário executivo. O tema adotado é comemorar o centésimo aniversário da Encíclica Rerum Novarum, do Papa João XIII, a primeira a refletir sobre as condições de vida e de trabalho dos operários em todo o mundo, e que definiu a divulgação de outra "Encíclica sobre o mesmo assunto, a Laborem Exercens, do Papa João Paulo II.

O título "Solidários na Dignidade do Trabalho", para a campanha, foi escolhido pelo Papa João Paulo II para homenagear o sindicato dos trabalhadores da Polónia, o Solidarnosc, entidade que levou à Presidência do país o operário nacional Lech Walesa. A campanha lançada dia 13

está de acordo com o objetivo do Vaticano, relacionando o trabalho, a liberdade e a responsabilidade.

De acordo com uma nota divulgada pela Comissão Pastoral Operária, através da CNBB, ressaltando apoio à Campanha da Fraternidade, no Brasil 10% da população concentram 53,2% da renda nacional, enquanto 50% percebem apenas 3,5%. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) de 1989. Ainda segundo o comunicado, o número de empregados sem carteira de trabalho registrada chegou a 40%. Por este motivo, a Pastoral Operária relata que "é necessário denunciar e responsabilizar as elites e o governo Collor pelo empobrecimento da população"; diz também que é preciso ir às ruas, casas, fábricas, comunidades para provocar no povo a ira, a indignação contra o quadro desumano". De acordo com padre Inácio Neutzing, a "Igreja estará sempre ao lado dos oprimidos".

Em Porto Alegre, a emissora de rádio da igreja, protestou contra o conteúdo da campanha, informou o padre Neutzing. Dirigida pela Associação Cristã de Empresários, adepta da linha carismática (conservadora), a rádio vai divulgar apenas o tema da Campanha da Fraternidade, sem revelar aos ouvintes passagens do texto base preparado pela CNBB. A rádio está no ar em caráter experimental e os coordenadores da campanha acreditam que não possam interferir.

DO EDITOR

— MARAVILHOSO o gesto dos amigos de São Bento do Sul-SC: recebemos carta do vice-presidente da Polbras e Braspol daquela cidade, Celso Sluminsky, pedindo trinta e uma novas assinaturas do LUD! Gestos como esse nos entusiasma para continuarmos a lutar pelo crescimento do único jornal da cultura polônica no Brasil, editado bilingüe. E vamos em frente, com ajuda como essa de São Bento do Sul!

— VOCÊS sabem que temos listados 131 nomes interessados em fazer o Curso de Polônês para Brasileiros, através do jornal LUD/O POVO? As inscrições continuam a ser feitas, por carta ou telefone, enquanto estamos publicando a parte inicial, chamada "Introdução". Nesta edição, republicamos o assunto. A primeira aula será divulgada daqui a duas edições.

— É BOM esclarecer que todos os moradores das cidades de Dom Feliciano (RS) e São Mateus do Sul (PR), porque suas cidades comemoram 100 anos da imigração polonesa no Brasil, têm um desconto de 20% (vinte por cento) em toda nova assinatura do LUD/O POVO. Até fins de março deste ano.

— SOMOS gratos ao amigo Tadeusz Burzynski, que reside nos Estados Unidos, pelo envio de Cr\$ 24.000,00 ao Fundo Lud.

O EDUCADOR

Nesta seção, resumindo o texto para estudo Educação: Exigências Cristãs", procurarei explicar o que os bispos disseram sobre o educador. Eis uma vez quero que fique bem claro: esta posição dos bispos não é definitiva; eles aguardam contribuição de todos nós. Por isso também vou, leitor desta síntese, está convidado a dar a sua parte. Em 1992 os bispos aprovarão um documento final.

O educador tanto pode estar na escola como na cela; podem ser religiosos de alguma congregação ou leigos; a grande maioria é de batizados. Fazem um serviço que é mais arte do que uma coisa; sua ação parte da realidade humana e de conflitos que precisam ser superados e não abafados. O educador é o que ajuda a construir uma nova sociedade. Ou será que ele apenas força a que está aí, injusta, desumana?

Na análise dos bispos, encontramos alguns pontos que são o lado imperfeito do educador; as limitações destas instituições podem estar na pessoa educador, nas instituições de ensino, no sistema social em que vivemos e na própria Igreja. Vamos alguns destes pontos: formação deficiente, oportunidades de atualização, salários ínfimos, sobrecarga de aulas, desmotivação, presença social, incompetência profissional e política, o sistema nem as instituições valorizam a qualidade, busca prioritária do lucro, falta de clareza de conteúdos e métodos, falta de autonomia, desconhecimento do método "ação-reflexão-ação", despreparo de professores de ensino religioso, desconhecimento de como tratar o plúsmo de crenças, falta de compreensão do que a Pastoral da Educação, professores cristãos e sem organização, falta de integração, desconhecimento ou interpretação errônea de valores evangélicos, incoerência entre o que se prega e o que se vive, pouco interesse dos professores em ajudar o cristão a ser educador, desvincular a opção da Igreja como se ela apenas afetou os ordenados; tudo isso justifica que se afirme com tanta frequência que a profissão do educador está desvalorizada. Apesar de toda esta visão sombria os bispos nutrem para uma luz muito importante: Deus

é o primeiro e grande educador que prepara seu povo para conhecer seus caminhos, revela e cumpre seu designio pedagógico em Jesus, o Mestre. E a pedagogia de Jesus se expressa na sua mensagem e na sua prática; importante é conhecer como Jesus se relaciona com o povo e as pessoas e como lida com os fatos e com os poderes constituídos. O educador tem muito a aprender neste modelo. Um outro aspecto que muito ajudará o educador cristão é a missão de construir uma nova sociedade, mas esta missão não é apenas do educador mas de toda a comunidade eclesial; não se trata de uma missão individual mas comunitária, por isso deverá acontecer de modo organizado. O educando se evangeliza e evangelizando se educa. E a fé se unindo ao serviço ao Reino de Deus que ajuda a formar. A síntese do que Jesus anunciou e viveu está no relacionamento entre pessoas que deverá ser fraterno; independente de nosso aluno ter ou não fé, pois nós é que seremos as pontes para ele encontrar Deus. Acentuam ainda os bispos nesta linha de ter Jesus como referência, que o eixo pedagógico e pastoral é a evangélica opção preferencial pelos pobres que, no entanto, é preciso primeiro viver dentro da comunidade eclesial. Também para revalorizar a imagem do educador é necessário se iniciar por uma remuneração justa e digna do seu trabalho, pois ele é antes de tudo um trabalhador.

Algumas pistas são indicadas: melhorar os cursos de formação de professores; cada professor precisa dar a sua parte que seriam disposição e mente aberta para o estudo, compromisso

pessoal e social, clareza de consciência de sua missão no sentido político, social e existencial, esforço na busca de competência profissional.

Os bispos se colocam ao lado dos educadores para juntos revalorizarem a profissão e encontrarem a concretização daquilo que a própria Constituição quer: uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida na ordem internacional com a solução pacífica das controvérsias. A forma concreta indicada pelos bispos de eles estarem ao lado do educador é organizar um espaço, na comunidade eclesial local onde os educadores se reúnam para refletirem juntos a sua problemática; portanto, é o estímulo para se formar uma comunidade cristã de professores; este espaço tem sido chamado de Pastoral da Educação onde os professores cristãos partilham a reflexão sobre a sua vida pessoal e profissional à luz da palavra de Deus e onde se faz a revisão de vida e a troca de experiências testemunhais.

Para concluir pergunta-se: Isto que os bispos disseram sobre o educador é suficiente para constar num documento da Igreja que será aprovado em 1992? Com o que nós poderemos contribuir para enriquecer esta posição dos bispos para que ela não seja apenas deles mas de toda a Igreja? Como poderemos nós programar nossa organização de comunidade cristã de professores em nossa diocese, em nossa paróquia, em nossa escola? Você, professor cristão, já está em algum grupo organizado, em algum movimento ou na pastoral da educação?

Prof. Bonifácio Solak

Horário de atendimento do Jornal LUD/O POVO

Das 13:30 às 18:00 horas
de segunda a sexta

Cartas à Redação

"FORÇA E CORAGEM"

Do nosso amigo, Padre Francisco Brys, recebemos correspondência, datada de 24 de janeiro, em que solicita números atrasados e especialmente "interessa-me o número do jornal LUD de janeiro, pois em Erechim, quando passei por lá, vi o discurso do prefeito de Dom Feliciano, que neste ano a imigração polonesa está comemorando o seu centenário, e me interessaria de estar mais por dentro de todos os acontecimentos que por lá estão se realizando.

Segue um anexo que, se for possível, pediria que o LUD publicasse, a fim de prestar uma homenagem, pelo menos singela, aos nossos imigrantes, os quais são muito caros para nós, pois a nossa origem se prende a eles, devido à nossa descendência. E desde já fico-lhes muito grato, por esta atenção que não será a última, como já não é a primeira também, se para tanto Deus me der saúde, força, disposição e coragem. Muito obrigado por tudo e Deus lhes pague! Atenciosamente, Pe. Francisco Brys".

* * *

E OS KRZESINSKI SE ENCONTRARAM!

Em fins de dezembro, publicamos uma carta de George H. Shmielewski, vinda dos Estados Unidos e com data inicial de 25 de outubro de 1983: ele queria saber do paradeiro da família com o sobrenome Krzesinski, que teria imigrado para o Brasil em 1911. Pois bem: em menos de um mês, após a divulgação pelo nosso LUD/O POVO, eis que foi possível o tão ansiado encontro da família.

Um dos familiares, Nereu Kozesinski (no registro de nascimento, o cartório trocou r por o), morador em Curitiba, tomou conhecimento da busca, após um contato com seu irmão residente em Canoas, e fez uma carta a George, que vibrou e já devolveu a resposta, através da empresa 3M, de São Paulo. A divulgação feita pelo LUD/O POVO foi solicitada pelo cônsul Marek Makowski, de Curitiba.

Nereu Kozesinski, ao visitar a redação do LUD/O POVO para agradecer à publicação, autorizou a divulgação da carta que enviou a George, que tem data de 28 de janeiro deste ano e o seguinte teor:

"Caro Sr. George H. Shmielewski
135 N. 110th St. — Wauwatosa
Wisconsin — U.S.A. 53226
Estimado pai!

Através do Jornal "LUD" editado aqui em Curitiba-Paraná, deparei com o título: "OS KRZESINSKI, VOCE OS CONHECE?"

Pois bem, caro George, sou filho do imigrante polonês João Krzesinski, que nasceu na Polónia, na cidade de Pesdry, em 24-10-1901. Ele veio para o Brasil com seus pais Stanislaw Krzesinski e Theofila Michalakis Krzesinski, mais os irmãos Stanislaw, Salomeia, Maria, Romão e Ceslawa.

Embarcaram no porto de Trieste-Itália em 11-03-1911. Contava meu pai João (Jan em polonês), que outras duas irmãs, a Josef e Vicky,

esta casada com Lourenço Zarembo, foram para os Estados Unidos, mas nunca se teve notícias. Meu pai, com os irmãos e avós, vieram para o Brasil e foram para o Sul, no Estado de Santa Catarina, precisamente na cidade de Canoas, que fica no norte do Estado.

Estou mandando uma xerox do passaporte da família Krzesinski que imigrou para o Brasil em 11-03-1911 no navio "Sofia Hohenberg" de Bandeira Austro-Americana.

Ainda vive a tia Salomeia, que está com 97 anos de idade. Mora aqui em Curitiba no Estado do Paraná. Eu fui visitar a Polónia em agosto de 1989, e estive na terra natal dos Krzesinski. A cidade é Pesdry e fica a sudoeste da Polónia. Lá encontrei a Igreja onde meu pai foi batizado, o Moinho de farinha para pão (razufka) que na época pertencia a família Schultz, tudo às margens do Rio Warta.

Encontrei também uma prima-avó de nome Thereza Krzesinska que era filha-neta do irmão de meu avô Stanislaw. Espero que pelo grau de parentesco que temos, possamos nos comunicar mais vezes, pois muito nos alegramos em saber que vocês também pensam desta forma.

Aguardo notícias e desejamos a todos vocês, os Krzesinski de Santa Catarina e do Paraná, muitas felicidades, na certeza de que em muito em breve possamos conversar novamente.

Nereu Kozesinski

Rua Conselheiro Laurindo, 781 — Aptº. 603
CEP. 80060 — Fone: (041) 224-6112
Curitiba — Paraná — Brasil

Cozinha Polonesa

Como fazer os famosos Pierogi (pastel cozido com recheio de queijo e batatas)

Ingredientes

Massa — 1 kg de farinha de trigo, 1 ovo inteiro e 2 gemas, sal, água.

Recheio — 1 kg de batatas, 500 g de queijo, cebola picada, 50 g de manteiga ou margarina, sal a gosto.

Com a farinha, sal, ovos e água, fazer a massa não muito mole. Esticar e cortar em rodela.

Cozinhar as batatas em água e sal. Escorrer e passar pelo espremedor. Deixar esfriar. Derreter a manteiga e nela dourar a cebola. Misturar com as batatas, requeijão e sal a gosto. Fazer os pastéis e cozinhar em água e sal.

Regar com manteiga ou margarina derretida. Servir quentes.

ACREDITAM NO CRESCIMENTO

ASSINARAM/RENOVARAM

Carolina Skrabá — Curitiba-PR
Rosa G. Wojcik — Curitiba-PR
Janina Nagrodzka — Curitiba-PR
José Cwiertnia — Curitiba-PR
Luiz M. Czerwinski — Curitiba-PR
Sofia Linkiewicz — Erechim-RS
José Revers — Barão de Cotepepe-RS
Irmãs Felicianas — Curitiba-PR
Thadeu Sobocinski — Curitiba-PR
Ludovico Kuczkowski — Curitiba-PR
Adilson L. Michelowski — Curitiba-PR
Jair Surek — Curitiba-PR
Dulce Osinski — Curitiba-PR
Paróquia São Francisco de Assis — Brasília-DF
Frades Franciscanos — Cidade Ocidental-GO
Tadeu Karpinski Sobrinho — Curitiba-PR
José Sawczuk — Londrina-PR
Dom Agostinho — Luziania-GO
Boleslaw Sakalauskas — São Paulo-SP
Antonia Podgorski — São Paulo-SP
Isidoro Bajerski — Curitiba-PR
Cassia D. Pedrini — Florianópolis-SC
Slava Stepniak — São Paulo-SP
Hipolito Dopieralski — Curitiba-PR
Emília Turek — Curitiba-PR
Pe. Daniel Niemiec — Cruz Machado-PR
Vitooldo Olstan — Curitiba-PR
Elisabeth Lach — Criciema-SC
Wanda V. Karosevic — São Paulo-SP
Alfons Presz — São Paulo-SP
Paróquia Santa Tereza D'Avila — Guarani das Missões-RS
Leocadia S. Furman — Cândido de Abreu-PR
João Kozak — Curitiba-PR
Helena Kozak — Curitiba-PR
Maria V. Krepinski Groch — Erechim-RS
Regina Wesolowski — Erechim-RS
Elizabeth W. de França — Rio de Janeiro-RJ
Eduardo W. de França — Rio de Janeiro-RJ
Pe. Jan Dec — Campinas-SP
Romão Golenia — Paula Freitas-PR
João S. Zdzienicka — Contagem-MG

UM APÊLO À AÇÃO

(I)

Julio Skalski Junior
Acadêmico da Escola de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro
04-02-1991

Tem-se dado, em demasia, atenção apenas para as grandes formações da natureza: os mares, as florestas tropicais — notadamente a Amazônia — pois são partes do mundo que se saltam aos olhos.

Essa atenção contudo, limita-se apenas ao discurso, que muitas vezes é um simples discurso para se alcançar outros objetivos que tem em comum com o uso inteligente dos recursos da natureza. Uma oratória de efeito provida de pouco ou nenhum sentido prático efetivo para a ação de alguma atividade humana.

Realmente raros são os que se dedicam a um verdadeiro esforço de contribuir para as coisas. Até seria válido dizer, que estão por tão dedicado esforço — mas são os ZEM — enquanto vivos, chegam a serem valorizados pelos outros que só FALAM. O que depois de mortos. Mas então, quem é a realidade é imoral e vergonhosa.

Pessoas falam em meio ambiente, em outros tantos termos, sem ao menos saber do que é que estão falando e cientificamente falando. É a grande tônica atual. Fruto de fazer o que a maioria faz é "gostoso" que uma questão de sobrevivência, e o objetivo de "marketing".

Um modismo que como outros pode parecer, logo cessados os fabulosos lucros dos safados que exploram a credulidade das pessoas. Depois virão outras atrações de gosto de novidade, e é claro, que tragam retorno financeiro.

Mas uma coisa é, a partir de uma certa fortável, exageradamente suprida de toda a variedade de itens produzidos pela tecnologia do moderno, falar, reivindicar uma natureza, em ordem; outra coisa é a ação.

Uma ação que antes de mais nada, não sentido de conter o aumento populacional do mundo. Um programa de controle da população de impacto e duradouro, além de uma ação espacial da população que evite a formação de gigantescas regiões metropolitanas que devem aflorar da consciência da população sem que uma onda publicitária ou governamental induzir. Seria a prática do nosso instinto animal de auto-preservação, que a realidade acabou dissolvendo na sociedade moderna.

As sociedades mais empenhadas em pedir um uso coerente dos recursos são as que paradoxalmente aceleram o consumo excessivo. Estas sociedades estão nos cantos do mundo, inclusive aqui no Brasil.

Um cinismo mais ou menos assumido, reivindicam e defendem uma natureza, porém, com uma beleza plástica, os complexos e terríveis mecanismos da dinâmica estrutura da vida, a maquiagem permanente sobre uma realidade que não sabem como funciona, mas espoliando-a, satisfazendo seus gostos e suas. Ignorar esta estrutura significa a perda até onde ela irá enfraquecer o bastião de suportar até a maquiagem cair.



Maiores Estoques e
Melhor Preço da
Atacado e Varejo

ADUBOS BOUTIN
Avenida 7 de setembro, 2.064 — 130
Caixa Postal, 1.130 — Tele-
80.000 — CURITIBA — PR



Semanário da Editora Lud Ltda.

Diretoria: Pe. Jorge Morkis, Miecislau Surek e Paulo Filipake

Editores: Pe. Jorge Morkis (polonês)
Miecislau Surek (português)

Departamento Comercial: José Rendak

Correspondentes/Colaboradores: Pe. Lourenço Biernaski, CM; Sr. Tomasz Lychowski; Prof. Mariano Kawka; Jörn. João Krawczyk; Prof. Maria do Carmo Krieger Goulart; Prof. José Kuiaiva; Sr. Thadeu Krul; e Prof. Bonifácio Solak.

Assinaturas:

Anual (50 edições) Cr\$ 3.000,00
Semestral (25 edições) Cr\$ 1.700,00
Países das Américas U\$ 80 dólares
Europa, Ásia e Oceania U\$ 90 dólares

COMO ASSINAR: favor escrever, ou telefonar, pedindo assinaturas, para enviarmos em seguida a cobrança bancária; se desejar, pode ser enviado Vale Postal ou Cheque Nominal para Editora Lud Ltda.

Direção e administração geral: Alameda Cabral, 846 — Caixa Postal 1775 — Tel.: (041) 222-1057 (PABX) — CEP 80.410 — Curitiba — Paraná — Brasil.

CURSO DE POLONÊS PARA BRASILEIROS

(O presente curso baseia-se no original "Mó-wimy po Polsku — A Beginner's Course of Polish", de W. Bisko, S. Karolak, D. Wasilewska, S. Kryński. A adaptação para o português foi feita por Mariano Kawka).

Introdução

O polonês, como o português, utiliza-se do alfabeto latino. Entretanto, o alfabeto latino foi acrescido de certas letras ou dígrafos (grupos de letras) para representar sons típicos do polonês, que não existiam em latim.

ALFABETO E PRONÚNCIA

O alfabeto polonês compreende 32 letras:

1) Vogais (letras, descrição da pronúncia e exemplos).

- a — Sempre aberto, como em **sábio**, mesmo antes de um fonema nasal. Exemplo: las (mato), mama (mãe).
- ą — Como o **om** em **bom**. Ex. są (são, estão), mała (farinha).
- e — Não muito aberto, nem muito fechado, como no espanhol **siete**. Ex. ser (queijo), deser (sobremesa).
- ę — Como o **en** em **senta**. No final de uma palavra soa como e. Ex. męski (masculino), piszę (escrevo).

- i — Como em **vinho**. Ex. wino (vinho).
- y — Como nas palavras inglesas **sit, milk**. Ex. syn (filho), ty (você).
- o — Não muito aberto nem muito fechado, como no espanhol **ocho**. Ex. dobry (bom), oko (olho).
- u/ó — Como em **uva**, porém mais aberto, como nas palavras inglesas **good, look**. Ex. but (sapato), góra (montanha).

2) Consoantes (letras, descrição da pronúncia e exemplos).

- b — Como em **bola**. Ex. bal (baile).
- c — Como em **"ts"**. Ex. cena (preço).
- ć/ci — Como em **ti** em **tia**. Ex. brać (pegar), ciemny (escuro).
- d — Como em **dado**. Ex. dom (casa).
- f — Como em **face**. Ex. farba (tinta).
- g — Sempre como em **gato**. Ex. góra (montanha), gitara (violão).
- h — Como na palavra inglesa **house**. Ex. herbata (chá).
- j — Como o **i** de **pai**. É semivogal, só ocorre em ditongos. Ex. ja (eu), maj (maio).
- k — Como o **c** de **cada**. Ex. kawa (café).
- l — Sempre como em **lá** (mesmo no fim de sílaba ou de palavra). Ex. lato (verão), bal (baile).

- l — Como o **u** de **pau**. É semivogal, só ocorre em ditongos. Ex. perla (pérola).
- m — Sempre como em **mala** (mesmo no fim de sílaba ou de palavra). Ex. matka (mãe), mam (tenho).
- n — Sempre como em **nada** (mesmo no fim de sílaba ou de palavra). Ex. noc (noite), on (ele).
- ń/ni — como o **nh** de **unha**. Ex. koń (cavalo), niebo (céu).
- p — Como em **pato**. Ex. pole (campo).
- r — Sempre como em **caro** (mesmo no início de palavra). Ex. farba (tinta), radio (rádio), ryba (peixe).
- s — Como em **sala**. Ex. sala (sala).
- ś/si — Como o **ch** de **chá**. Ex. ktoś (alguém), siła (força).
- t — Como em **tudo**. Ex. tata (papai).
- w — Como o **v** de **uva**. Ex. piwo (cerveja).
- z — Como o **s** de **casa** ou o **z** de **azar**. Ex. koza (cabra).
- ż/zi — Como o **j** de **já**. Ex. źle (mal), zima (inverno).
- ż — Parecido com o **j** português de **já** ou com o **s** inglês de **pleasure**. Entretanto, na pronúncia desse som a língua permanece mais baixa que na pronúncia de **ż/zi** descrita acima). Ex. zona (esposa), żywy (vivo).

Centenário da imigração polonesa (1891-1991) (I)

(DOM FELICIANO-RS — BRASIL)

Chegou o término da abolição
Da vil escravidão, extinção
Nos influentes, perplexidade.
Ao irmão negro, liberdade.

O Brasil, prestes à falência
Nas fazendas, grã resistência
Sem braços fortes, p'ra explorar
Riquezas, mordomias conquistar.

Séria crise se descortinou
A melanoclia se infiltrou
O sistema desarticulado
Todo esforço, desmantelado.

Para uma solução encontrar
Era imprescindível arriscar
Novos horizontes descobrir
Ao fatal fracasso, resistir!

Perspicaz, ousada propaganda
Aos países europeus se manda
Para atrair novas gerações
Amortizando as implicações.

Minas de ouro: fácil oferta
A todos estimula, desperta
Sutil argúcia com promessa
Tal conto, os mares atravessa.

Infinita multidão, gente pobre
Destituída de classe nobre
Com bravura topa, se destaca
A Terra de Santa Cruz, atraca.

Franceses, alemães, poloneses
Desamparados por muitas vezes
Os primeiros optaram desistir
Em melhores lugares, investir.

Os derradeiros se embrenharam
Por entre as matas penetraram,
Eram cortejados sem compaixão:
De revés, desconforto, solidão.

Sem igreja sacra, nem hospital
Para libertar-se de tanto mal
Que eram vítimas por herança
Desprotegidos na esperança!

Despedindo-se da própria terra
Infestada também pela guerra
Pelos feudatários maltratados
E no mundo marginalizados.

Aqui, nas florestas, matas virgens
Sujeitos a horrendas vertigens
Por causa das seguidas derrubadas
Vidas ficavam amordaçadas.

Não havia becos, nem estradas
Raízes à vista, em lombadas
Das árvores se multiplicavam
Aos itinerantes maltratavam.

Safras agrícolas produzidas
Para escoar, sem saídas;
Solucionar impasse tal
Livar-se dum colapso fatal!

Era assunto sério, grave
Aos produtores, um entrave
Havia urgência em decidir
Matores imprevisos discernir.

Ao presenciar casos de mortes
Muitos sentiram saudades bem fortes
A Pátria queriam retornar
Com os seus novamente se encontrar.

As famílias decepcionadas
Na maioria desapontadas
Decidem as origens regressar
Diferentes projetos encetar.

Desanimados uns pranteavam
Arrastados outros deploravam
Alguns sem condições de dinheiro
Foi impossível qualquer roteiro.

Apenas deviam se contentar
Parcas notícias acalentar
Não tinha outra expectativa
A não ser esta alternativa.

Lentamente as nuvens sombrias
Trazem esperanças, alegrias
Frágeis listas de raios solares
Entre descompassados dançares.

No meio dos galhos se alastram
Com o brilho as folhas vergastam
Nas selvas: aves, insetos, feras
Serpentes, batráquios em guerras!

Numa sinfonia plurivalente
Alteram a audição da gente
Nesse torvelinho, alvoroço
Certa vez, o primeiro esboço:

Foi traçado por Deus Criador
Um ser humano, continuador
Encarregado da natureza
Devia zelar com espederteza.

Abrem-se as primeiras picadas
Insetos, aves em revoadas
Desse recém intruso, reclamam
Requerem paz, apreciam, amam.

Caminhos acanhados começam
Novéis invasores se apressam
Para a crise solucionar
Melhor vida com ardor encetar.

Choças, barracos, galpões, choupanas
Casebres, serrarias, cabanas
Chantadas entre troncos, madeiras
Em audazes, incertas clareiras.

Mais tarde surge um povoado
Num local assaz acidentado
Com nome de São Feliciano (I)
Finalmente Dom Feliciano!

Em homenagem ao primeiro
Bispo religioso, campeiro
Do Estado do Rio Grande do Sul
Onde brilha o Cruzeiro do Sul.

O Padre Constantino Zajkowski
Desafiador de matas, bosques (2)
Quis emancipar a freguesia
Porém, um grupo rival reagiu.

A vila então parализada
Do sucesso marginalizada
Os Orgãos oficiais competentes
Deixavam "os adversos" descontentes.

CURSO DE LÍNGUA POLONESA: JUVENTUS

O departamento cultural da Sociedade União Juventus, de Curitiba, está informando que se acham abertas as matrículas para o seu Curso de Língua Polonesa. O curso é totalmente apostilado, com lições gravadas em fita cassete. Aulas serão ministradas às terças e quintas, das 19,30 às 21 horas, por professores poloneses. Mais informações podem ser obtidas através do telefone 223-5103, à tarde ou à noite, com Weiss.

Casa dos Freios garante creche de 120 crianças

Novo ponto marcará o programa "Vale-Creche", uma das mais sucedidas empreitadas desenvolvidas entre o poder público municipal de Curitiba e a iniciativa privada. Será no próximo dia 26, às 11 horas, quando o prefeito Jaime Lerner e a secretária da Criança, Fani Lerner, presidirão a solenidade de reinauguração da Creche do "Conjunto Habitacional Parigot de Souza".

A creche, que foi inicialmente estabelecida pela vizinhança, agora totalmente reequipada e reformada, passa a integrar a rede oficial de creches do município de Curitiba. E ganha um padrinho para as 120 crianças, de 0 a 6 anos, que atende: a Casa dos Freios, presidida pelo empresário Waldir Hack, que será um dos centros das atenções da solenidade do dia 26.

Embora seja uma empresa de porte médio, em termos paranaenses, a Casa dos Freios dá exemplo notável: vai bancar a manutenção daquelas crianças, mensalmente, dentro do programa "Vale-Creche".

VIDRAMA

Comércio de Vidros Ltda.

VIDROS PARA AUTOMÓVEIS POR ATACADO

MATRIZ: Rod. BR-116 — Km 105 N.º 17.651

Telex (41) 2188 — AVSC — BRA-

SIL — PABX (041) 222-6565 —

CEP 81.500 — CURITIBA-PARANÁ

FILIAL: Av. Gal. Charles de Gaulle, 347 —

Fone: (011) 261-3646 — Telex (11)

80116 — AVSC — Parque São

Domingos — CEP 05.124 — São Paulo-SP

SANGUE, SUOR, LÁGRIMAS (V)

OS POLONESES EM SÃO MATEUS DO SUL

A ENTRADA DOS FEDERALISTAS

No entanto, ainda no mesmo dia da rendição, tiveram lugar acontecimentos jamais previstos. "As altas horas da noite soube que haviam sido presos Bodziak, Stencil, Flizikowski, o padre Smolucha e Maximiliano, e que iriam ser transportados para Curitiba, não se sabendo o que aconteceria com os mesmos" — narra-nos Francisco Grabowski. E prossegue: "No dia seguinte chegaram à minha colônia Dombrowski, Kosminski, Plonski, Wiadrowski, porque se permanecessem na cidade, com certeza também seriam presos..." Armou-se um pequeno conselho para analisar a situação e chegou-se à conclusão que "alguns de nós deveriam ir a Rio Negro e intentar-se de como estava a revolução, procurando atrair os federalistas até São Mateus..."

Num grupo composto de oito homens empreenderam a marcha através das matas, em direção do Rio Negro, onde chegaram três dias depois, exaustos e esfomeados. Fr. Grabowski conta:

"Quando chegamos a Mafra, organizamo-nos em formação de dois e assim marchando cantávamos: 'Hej Strzeley Wraz'. Os moradores de Rio Negro pensavam que novas forças estavam chegando. Encontramos ali muitos brasileiros exercitando-se na arte militar sob o comando de um cidadão local. Ensinava-lhes a técnica de aproximação e pontaria... Fomos recebidos por este instrutor, o qual alojou-nos numa casa ainda inacabada e indicou-nos o quartel de Piragibe..."

Dombrowski destacou-se do grupo e foi a sua procura. Não demorou muito e, ao voltar, informou-nos que fomos aceitos, porém o gen. Piragibe não tinha demonstrado muito entusiasmo com esta adesão, pois ele disse que não precisava de estrangeiros. Talvez tivesse razão, porque os recém-chegados não tinham lá aspecto muito guerreiro — maltrapilhos e sem armamento adequado. Visitaram o padre Peters que ali estava e depois foram fazer exercícios de adestramento militar.

A partir desse dia os colonos de Mateus começaram a sentir os efeitos da revolução. Tomaram parte nas escaramas do rio da Várzea e depois marcharam em direção da Lapa, que estava sendo ocupada pelas forças federalistas. Cerco da Lapa durou 28 dias, caiu em poder da revolução quando seu bravo comandante o gen. neiro havia tombado morto. Curitiba ocupada pelo gen. Gumerindo Saraiva, porto de Paranaguá também estava em poder.

Antonio Bodziak e seus companheiros inclusive o padre Smolucha, ganharam liberdade. A revolução estava triunfando.

Não possuímos provas concretas tal afirmativa, mas podemos supor que, tamente nessa época realizou-se o encontro entre o gen. Gumerindo Saraiva e Antonio Bodziak, culminando no entendimento, do qual resultou a adesão para formação do batalhão polonês, com a patente de coronel para o seu comandante, Bodziak. A rebelião em São Mateus encabeçada por poloneses, pronta adesão à causa revolucionária, sem dúvida, os fatores mais decisivos para fechar esse entendimento.

Como já foi dito antes, Antonio Bodziak era ainda jovem — uns trinta anos — cheio de energias, inteligente e, como natural, sonhava com um lugar de destaque. O general Gumerindo Saraiva não somente rude e simplório como alguns historiadores querem vê-lo, para não perceber as intenções desse imigrante polonês. Fazendo de Santa Vitória do Palmar no extremo do Brasil, participou na sua juventude no movimento revolucionário em Uruguai. Lá havia adquirido a experiência de muitas multidões. Gostava de pessoas firmes e decididas, e apesar de tudo Bodziak inspirava-lhe confiança. Ele, Gumerindo, pertencia a esse tipo de pessoas, que sabiam o que queriam e não cilavam diante do perigo. Quando o Brasil faltou decisão e coragem após a invasão do Rio Jaguarão na divisa com o Uruguai, para prosseguir a luta, pois no território não haviam mais do tanto entusiasmo como esperavam assumir o comando geral, deslocaram-se até o Rio de Janeiro para pedir ao governo Peixoto. Homem como Bodziak podia lhe ser útil, tanto mais que os federalistas havia já alguns meses recolhidos durante a sua marcha. Grande do Sul na região Missões, pois em Santa Catarina, que se encontrava confortados tendo seu compatriota um dos chefes da revolução. Então, via batalhão de alemães, batalhão de poloneses, haveria lugar para mais um batalhão de poloneses.

Depois do encontro com o general Gumerindo Saraiva, Bodziak foi para Curitiba, agraciado com o título de "Comandante do Vale Iguaçu". É verdade que nessa época essa região tinha poucos habitantes e sua principal riqueza era a erva-mate, mas isso não lhe apresentava nenhum problema, pois o que mais valia era o título de "Comandante".

Por João K...

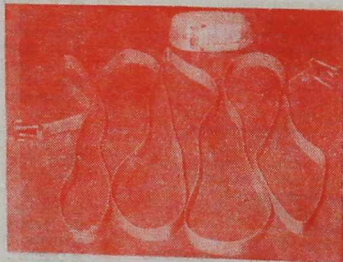
NÃO FIQUE NA BEIRA DA ESTRADA

rebokit

A LONA REBOCADORA DE EMERGÊNCIA

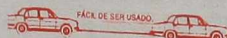


Os problemas mecânicos, elétricos ou falta de combustível acontecem quando menos se espera. Não há coisa mais desagradável do que ficar na beira da estrada esperando socorro. Mesmo que apareça uma alma caridosa (talvez um amigo) tentando ajudar, não poderá fazer muita coisa. E agora? Você tem a corda? Não! Ele também não tem. Nestes casos de emergência, REBOKIT facilita o reboque do seu carro, moto ou camionete até o posto ou oficina mais próxima. Não viaje sem ele. Tenha-o sempre no porta-luvas. Quando menos se espera, acontece.



COM UM COMPRIMENTO DE 4 METROS, CAPACIDADE DE ATÉ 1.500 KILOS, REBOKIT NÃO OCUPA ESPAÇO.

A SOLUÇÃO MAIS SEGURA PARA REBOCAR CARRO DE PASSEIO, MOTO, LANCHAS, CAMIONETE, ETC.



ATENDEMO-SE POR REEMBOLSO POSTAL
Preço por unidade: Cr\$ 2.000,00
mais taxas postais

M. DOLATA - Acessórios Para Veículos
Cx. Postal: 97.522 - CEP 28.600 - NOVA FRIBURGO - RJ
FONE: (0245) 22-5071 e 22-8728

REPRESENTANTE PARA O SUL DO BRASIL:
FONE: (041) 242-6167

PIEROGI

Deliciosos — receita exclusiva polonesa
Congelados — basta ferver.
Pronta Entrega — Dona Lúcia — Tel. 242-6167

AZYLANCI W EUROPIE

Europa tradycyjnie przyjmowała i nadal przyjmuje azylantów z każdego zakątka świata. Według Amnesty International przewinęło się zamieszkało w Europie Zachodniej od roku 1945 przeszło 5 milionów azylantów politycznych, nie licząc azylantów ekonomicznych, czyli takich którzy opuścili kraj rodzinny i osiedlili się w Europie powodów ekonomicznych (z powodu ubóstwa).

Najwięcej azylantów przyjęła dotychczas Europa Zachodnia z byłego bloku komunistycznego, szczególnie z Węgier, po stłumieniu powstania przeciwko Sowietom w roku 1956, z Czechosłowacji po inwazji i zniesieniu tzw. wiosny praskiej, z Polski w czasie i bezpośrednio po stanie wojennym. Nadto azyl polityczny z Europy Wschodniej trzymali ex dyplomaci, wojskowi i różnego autorytetu opozycja.

Gdy chodzi o inne kraje świata, to szczególnie duża była i jest w Europie szeroko reprezentowana. W Europie Zachodniej spotkać można azylantów z Wietnamu, jeszcze z czasów zdobycia przez komunistów Wietnamu Południowego, z Kambodży z czasów nieludzkiego terrorku czerwonych khmerów, z Chin i Pakistanu, Sri Lanki i Libanu, Afganistanu, Iranu, Iraku, Turcji i Palestyny.

Politycznie prześladowana Afryka w Europie Zachodniej to studenci, inteligencja lub zaangażowani chrześcijanie z Mozambiku, Angoli, Etiopii, Kambodży, Nigerii, Burundii, czy Północnej Afryki.

Mieszkają różnie. Często nie potrafią się asymlizować. Mają problemy z językiem, z inną mentalnością (szczególnie Afrykańscy i Azjaci), są ołowami szczególnie w małych miasteczkach i na wsiach. Chwytają się każdej pracy, także tej trudnej i niegodziwej jak prostytucja, handel artykułami czy kradzieży. Niektórzy żyją w gettach, inni dorobili się małego kapitału i kupili w sobie jednorodzinne domki. Jeszcze inni wegetują dnia na dzień, oddając się lenistwu i pijanństwu. Niezależnie od człowieka. Ich dzieci są już pełnoprawnymi Europejczykami.

Posiadają swoje kluby, ośrodki i domy gdzie się spotykają, swoje kościoły i domy modlitwy gdzie się modlą, swoje instytucje i czasami szkoły gdzie pielęgnują swój język, swoją kulturę, swoje śpiewy czy restauracje, a nawet swoje wydawnictwa i księgarnie.

Stara, obecnie zintegrowana Europa zdobyła się na wysiłek i przyjęła do siebie prześladowanych oraz ofiary systemów i ideologii, która sama swym losem wyhodowała i jak zarzę pocięła w proki świat.

Kolebka bowiem wszelkiej maści nacjonalizmów, faszystów, socjalizmu w tym najgorszym daniu, a także komunizmu jest stara Europa. Jej inteligencja odwróciła się od religii, a w szczególności od chrześcijaństwa, stworzyła nową fałszywą ideologię, uwieczniła totalitarnym i tyranią. Oddając Niebo wroblom, rozpagowała utopię o raj na ziemi. Nalwini uwieli w ów raj bez Boga. Natomiast żądni władzy politycy posłużyli się nią aby zdobyć władzę i opaciwać świat.

Dzisiaj cierpiemy wszyscy przez naiwność i głupotę jednych oraz bezwzględność drugich. A obie strony raj zamieniły się w komunistyczne piekło, gdzie uniwersalne i "chwytliwe" aniżeli fałszywe. Azylanci w Europie Zachodniej to na ekscypacji i zadośćuczynienia za grzechy przeszłości.

Ab obawiam się, że wraz z rozkładem imperium sowieckiego wzrośnie niepomierne ilości ekierów, czyli jak Niemcy mówią "Scheinsyn", pseudoazylantów z Ukrainy, Białorusi, Rumunii czy z samej Rosji. Już dzisiaj, pomimo i ostrej kontroli ze strony europejskiej, pojawia się w Europie coraz więcej uciekinierów z ZRR, coraz więcej żołnierzy i oficerów sowieckich prosi o azyl polityczny.

Zachodnie granice Związku Sowieckiego ze swoimi drutami kolczastymi, zasiekami, specjalnymi jednostkami wojskowymi, psami i zaorannymi łami już nie pomagają. A była to jeszcze rok temu granica pewniejsza od berlińskiego muru. Dzisiaj biwakują nad Odrą, tuż przy granicy skoniemieckiej, całe watachy uciekinierów z ZRR, z Rumunii, Bułgarii, Ukrainy czy Rosji.

Czekają szczęśliwego dnia, kiedy otworzą się granice do Europy Zachodniej, aby uciec jak najszybciej od komunistycznej tyranii.

Europa przygotowuje się na najgorsze; na inwazję sowieckiej biedy kiedy obywatele radzieccy otrzymają paszporty a Europa otworzy swoje granice. Liczy się nawet na ogromną wódrówkę ludów do 20 milionów uciekinierów z samego ZRR. Profilkacyjnie buduje się tuż obok przejściowe gromadziły żywności lekarstwa i środki opatrunkowe. A Polacy i Słowacy? Budują na granicy sowieckiej specjalne płoty mające za cel powstrzymanie exodusu, wódrwojki ze Wschodu na Zachód. Przesuwają całe bataliony wojska do pilnowania granicy sowieckiej zwracając idących przez zieloną granicę uciekinierów. Nic nie pomaga. Bywa ich coraz więcej. A ponieważ poniekąd nie są wcale biedni, więc na proceder patrzy się z naszej strony z przyzwrośzeniem oka. Jak można zarobić, dlaczego nie korzystać i puszcza się paszka. Mamy więc w Polsce, ale także na Słowacji i na Węgrzech tysiące ludzi sowieckich handlujących czym się da i jak się da. Korzystać jest obopólna.

Zresztą jest czymś handlować. Przeszło 20 krajów wspomaga materialnie walącego się komunistycznego kołosa. EWG wysubsydowało miliard dolarów. Miliony ton żywności zachodnioeuropejskiej i amerykańskiej tkwi w magazynach i w pombowanych wagonach. Wiele ludziska się litują. Biorą co trzeba czy nie trzeba, sprzedają na miejscu lub przywożą do sąsiedni krajów i za bezcen sprzedają. Tym procederem zajmują się całe bandy po obu stronach granicy. Ci nie są jeszcze tak niebezpieczni jak żołnierze radzieccy opuszczający byle NRD. Ci ostatni przechodzą przez Polskę i nie kwapią się jechać do ZRR, lecz często pozostają w Polsce jawnie albo tajnie ze swoją bronią i amunicją. Nieraz proszą o azyl polityczny, częstokroć pozostają na własną rękę nie pytając nikogo o pozwolenie. Nie jest ich jeszcze dużo. Ale są. Czują się jeszcze panami także w nowej Polsce.

Jak to będzie i co to będzie za rok, za dwa? Jeden Pan Bóg raczy wiedzieć. Jedno jest pewne, znowu przybędzie Europie w najlepszym wypadku kilkaset tysięcy "kandydatów" do azylu politycznego.

Ks. Piotr W.

SPOJRZENIE ZE WSCHODU

(PRZEMÓWIENIE NA KONFERENCJI KRAJ — EMIGRACJA)

Szanowni Państwo, drodzy kochani Rodacy,

Przed wszystkim chcę zaznaczyć, iż wypowiedź moja właściwie referatem nie będzie. Będzie dużym pytaniem. Pierwsze pytanie, które sobie zadaje, czy słusznie obrabiliśmy hasło naszej konferencji. Ja na własny użytek mówię sobie, "KRAJ I POLACY NA SWIECIE", ponieważ mam tu zaszczyt reprezentować tę część diaspory polskiej, której nie można bynajmniej nazwać emigracją. Są to ci Polacy o których mówi się słusznie że oni nigdy nie przekraczali granicy polskiej. To granic ich przekroczyła. Są to Polacy, którzy wbrew własnej woli znaleźli się poza granicami własnego kraju. Polacy, znaczna część których wbrew własnej woli po wrześniu 1939 r. została pozbawiona obywatelstwa polskiego. Są to Polacy, którzy wbrew własnej woli znaleźli się jeszcze dalej, gdzieś w Syberii, gdzieś w Kazachstanie. Jest to ta część Polaków, o których oficjalnie a niewesołe statystyki twierdzą, że mniej niż 40% uważa język polski za język ojczysty. Są to Polacy, którzy przez dziesięciolecie, przez bolesne dla nas dziesięciolecie byli ofiarami przestępczej polityki narodowościowej reżimu komunistycznego, ale myśląc o owych 60%, o tych ludzich dla których język polski nie jest językiem ojczystym, myślę nieraz — usta milczą, dusza śpiewa. Bo symbolem owych 60% jest dla mnie pewna kobieta, która szukając kontaktu ze Związkiem Polaków mówi, prosi że łzami w oczach: "Zapisano nas Ukrainkami, mnie i moją rodzinę, ale my jesteśmy Polacy. Moje dzieci już nie mówią po polsku mówią po rosyjsku ale niech pani zrobi cokolwiek, żeby one mówiły po polsku". Toteż robimy, w miarę naszych sił i możliwości. Robimy na terenach Polsce najbliższych, na Litwie, na Białorusi, na Ukrainie, oraz w tych dalszych: w Federacji Rosyjskiej, w Moskwie, w Leningradzie, w Kazachstanie, na Syberii, w Estonii, wszędzie tam gdzie za granicą polską — za polską wschodnią granicą mieszkają Polacy.

Jest to eksplozja polskości po dziesięcioleciach, więc powinniśmy pracować na kilku poziomach. Na tym prostym, przyziemnym, ale jakże ważnym — nad tworzeniem, rozwojem po dziesięcioleciach struktur organizacyjnych, nad tworzeniem, odradzaniem szkolnictwa polskiego, nad odradzaniem kultury polskiej.

Powinniśmy pracować również nad poziomem poniekąd teoretycznym, żeby rozważyć jakie drogi wybrzeć rozwój polskości na terenach przyległych do Polski, oraz w miarę naszych możliwości — wdrażać możliwości tworzenia podstawy ustawodawstwa, która byłaby gwarantem rozwoju autonomii Polaków na terenach wschodnich. Gwarantem rozwoju polskości na terenach wschodnich.

Ostatnie lata są dla nas czasem zadośćuczynienia. Jesteśmy zadośćuczynieni, że problem Polaków mieszkających za granicą wschodnią już nie jest więcej tabu dla kraju. Zadośćuczynieni, bo o tych problemach mówi się nareszcie, mówi w Polsce już nie tylko w rodzinach podczas nocnych Polaków rozmów, mówi się o tym nareszcie w Sejmie. Nareszcie, mówi się o naszych problemach w Radzie polskiej Zadośćuczynieni, bo współpracując nam się i dobrze pracując ze "Wspólnotą Polską", która uwzględniła nasze dążeń. Te przyziemne, na którym nam tak bardzo zależy, czego najlepszym chyba wyrazem było przemówienie pani senator. Jesteśmy nareszcie zadośćuczynieni, że przed rokiem doszło do pierwszego spotkania nas za żelaznej kurtyny, z tą częścią narodu polskiego, która żyje na Zachodzie.

Podaliśmy sobie nareszcie ręce — my ze Wschodu i my z Zachodu. Zadajemy sobie pytanie, czy będą to tylko rzadkie spotkania, czy będą to tylko wzajemne wyrazy sympatii, czy może coś więcej.

Jeżeli mówimy o hasle "jeden naród" to uważam, że podczas naszej konferencji rzymskiej powinniśmy omówić formy współpracy. Współpracy bardziej jest. Nie tylko od konferencji do konferencji. Istnieje Rada Koordynacyjna Polonii Wolnego Świata. Ponieważ do świata, który można było nazwać wolnym nie należeliśmy, więc oczywiście koordynować naszych działań z rodakami z Zachodu dotyczy nas nie mogliśmy. Utworzyliśmy natomiast stosunkowo niedawno Radę Koordynacyjną Polaków ze Wschodu. I myślę, że już w podkomisjach będziemy musieli porozmawiać o tym, jak polaczyć nasze wspólne wysiłki, jak wytworzyć struktury organizacyjne. Muszę powiedzieć, że my jesteśmy za strukturami ściślejszymi.

A teraz to pytanie na już — mówiliśmy o współpracy kulturalnej, o współpracy w dziedzinie oświaty i nauki, szkolnictwa, ekonomii nawet. Ale uważam, że nie możemy pominąć tu milczącym problemu jakże ważnego dla nas, dla Polaków mieszkających za wschodnią granicą Polski. Mianowicie problemu politycznego, bo powinniśmy zobaczyć, spojrzeć na jakie działania w nie- co szerszym kontekście. W nasch warunkach przyszło nam teraz tworzyć na nowo organizacje polityczne. Przecież to co robimy jest młoda częścią polityki zagranicznej Polski. To co robimy może być najbardziej rzutowane na losy polityki zagranicznej Rzeczypospolitej. I mam tu na myśli politykę zagraniczną najbliższą. Kontakt z państwami sąsiadującymi bezpośrednio z Polską. Co nie jest mało ważne w dobie, kiedy się przesuwają akcenty polityczne w Europie. Kiedy się tworzy nowy ład europejski.

(ciąg dalszy na str. 23)

Rua Riachuelo, 10
CUBITIBA -

Spojrzenie ze Wschodu

(dokończenie ze str. 1)

Powinniśmy zdać sobie sprawę z tego, że polskość odraża się i to odraża się w eksplozji na terenach gdzie po dziesięcioleciach hamowania polityki narodowej, budzą się również nacjonalizm tych narodów, wśród których przyszło nam żyć. Nie używam tu słowa nacjonalizm w sensie pejoratywnym. Jest to pewien normalny, zdrowy proces odradzania się nacjonalizmów. Nie zapominajmy, że działamy na terenach, gdzie wciąż są żywe pewne fobie, pewne uwarunkowania historyczne, obawa repolonizacji. I właśnie my, którzy mamy bogatsze doświadczenia w działalności społecznej, ponieważ właśnie z powodu naszych powiazań polskich, katolickich, staliśmy bardzo daleko od polityki rządowej, powinniśmy nasze działania zrównoważyć z polityką krajową, w których żyjemy. I tu może — ponieważ nie chcę już powtarzać tych naszych dezzyderatów, o których mówiła pani senator — jeszcze bardzo serdecznie nasz dezzyderat dotyczący moim zdaniem — sprawy generalnej. Czy będziemy, my diaspory polska na Wschodzie, tylko obiektem polityki zagranicznej Polski, małej części owej polityki, czy będziemy współwórcami tej części polityki, która bezpośrednio diaspory polskiej dotyczy, w tym również na Wschodzie? I dlatego jeżeli chcemy ułożyć w przyszłości kontakty z państwami ściśle z Polską sąsiadującymi, świadomie używać tu słowa państwami, ponieważ powinniśmy uwzględnić tendencje odśrodkowe, które mają miejsce w republikach Związku Radzieckiego (mówimy przecież już o państwach bałtyckich), powinniśmy więc uszanować tę nową sytuację, w której działamy, my Związek Polaków na Litwie, na Łotwie i Stowarzyszenie w Estonii. Nie możemy dbać tylko o nasze partikularne interesy w tych krajach. Zależy nam na tym, żebyśmy mogli opiniować posunięcia polskiego MSZ, abyśmy mogli wspólnie sytuację modelować, wspólnie tworzyć ku obopólnej korzyści, ku korzyści diaspory polskiej i ku korzyści Rzeczypospolitej.

I jeszcze raz pytanie, czy mamy bardzo ofiarne dbać o nasze interesy polskie w poszczególnych związkach, nasze bardzo trudne interesy polskie, czy mamy kierować się tylko racjami własnymi, albo może powinniśmy się zastanowić nad tym jak ściśle współpracować z parlamentem polskim, z MSZ. Iść drogą trudniejszą, znacznie trudniejszą, bardziej ambitną, ale naszym zdaniem jedyną słuszną, aby pogodzić kilka racji: za zasady lojalności wobec kraju zamieszkania, z drugiej strony nie rezygnować z naszych interesów polskość i żeby pogodzić to z polską racją stanu. Jeżeli używamy nieraz hasła "jeden Bóg, jedna wiara, jeden naród, jedna ojczyzna", to życzę bardzo serdecznie wszystkim zebrany na tej sali, żeby to hasło nie zostało tylko hasłem. Dziękuję.

Ita Kozakiewicz

Z listów do Redakcji

Lud O Povo

Tygodnik Editora LUD LTDA.
Kod Pocztyowy 80001 — Curitiba-PR — Brasil
Szanowni Państwo!

Serdecznie dziękujemy za przysłanie Waszego pisma nr 4.192/23/90, które dokładnie przestudiowaliśmy. Zainteresował nas artykuł "Gdy myśle - Polska" na 2 stronie, w którym Victor João Szankowski zastanawia się na temat co należy Polakom odwiedzającym kraj zwiędzać w Polsce. Chcemy zwrócić uwagę Państwa, że warto wziąć pod uwagę łącznie wizyt w kraju z leczeniem uzdrowiskowym. Polska ma wiele uzdrowisk wartościowych, w których można — przy równoczesnym odwiedzaniu kraju-skorzystać z leczenia balneologicznego w zakresie chorób reumatologicznych, astmy, kardiologicznych i in., co może być połączone z rozłożeniem kosztów podróży turystycznej z leczniczą.

Niżej podpisany zainicjował te akcje pracując w Polskich Uzdrowiskach 17 lat (1949-1966) i zna korzyści, jakie mogą osiągać nie tylko krajo- we uzdrowiska, ale i Polacy mieszkający za granicą. W moich czasach pracy w uzdrowiskach była trudność przeliczenia dewiz, ale obecnie ta trudność już nie istnieje.

Gdyby moje uwagi zainteresowały Państwa, deklaruję rozwijanie dyskusji. Jednocześnie powiadamiam, że dysponuję obszernymi materiałami dotyczącymi naszej historii najnowszej, które to materiały posiada wiele instytucji historycznych, nabytych od autora "do szuflady" i dotąd b. mało drukowanych. Jedynym powodem tego smutnego stanu rzeczy jest to, że te materiały nie zawierają "białych plam" i napotykały na bariery "etapowe". W pierwszym trzyletnim okresie (1944-1947) nie mieliśmy czasu, aby przykładać wiele uwagi na przekazywanie świeżej historii, a potem przyszło 8 lat stalinizmu, 14 lat "odnowy" po starym, jak

również 10 lat okresu Gierkowskiego podobnego do okresu Gomułkowskiego. Od 1980 r. mamy próbę prawdziwej odnowy, a ostatnio grozi nam nowa "nomenklatura", przedstawiająca jednostronnie historię nowszą w kolorach tylko czarnobiałych. Przez lat kilkadziesiąt wydawano materiały głównie propagandowe a nie historyczne i jest rzeczą paradoksalną, że ogół Polaków, a nawet historyków polskich — nie zna dokładnie swojej historii najnowszej, o której prof. Andrzej Werblan w recenzjach moich materiałów powiedział, że one są unikalnym źródłem historycznym pierwszych lat powojennych, albowiem wydane tylko wspomnienia W. Gomułki i M. Spychalskiego są jedynie "zbiorem wyinków prasowych i streszczenia przemówień z okresu walki o zdobycie władzy, ale nie z okresu jej sprawowania". Wyobrażam sobie, że byłoby bardzo użyteczne, aby niektórzy czasopisma interesujące się historią najnowszą, zamieszczały w odcinkach moje teksty, które aczkolwiek zakupiły do szuflady liczne instytucje wydawnicze i historyczne, ale — jak dotąd — jeszcze żadne z nich nie posiada ich na własność. Ostatnio wydawnictwo związkowe (Instytut Wydawniczy ZZ), które przed rokiem reflektowało tu na monopol, obecnie z braku pieniędzy i "limitu" wydawniczego także zrezygnowało z druku.

Przewodniczący Centralnego Komitetu Wykonawczego Polskiej Partii Socjalistycznej

Edward Osóbka-Morawski
Warszawa 02-354, ul. Pałata 2/43, tel. 49-02-35

Warszawa, 4 stycznia 1991 r.

ELETRÔNICA MODELO

Eletrônica Modelo Comércio de Peças Ltda.

Válvulas, Transistores, Cinescópios, Componentes

Avenida 7 de Setembro, 3460 - Fone: 225-5033
(Telex (041) 6312 — ELM — BR)
80230 Curitiba — Paraná

INSTAR — INSTALAÇÕES E COMERCIO DE ELETROELETRONICOS LTDA.

Instalações de antenas coletivas e individuais para TV, FM e Video Cassete - Componentes Sharp - Distribuição de Cinescópios - Instalações de interfonos.

Matriz: Av. Sete de Setembro, 3468, Curitiba-PR
Tel.: (041) 225-5033.

Filial: Carrefour - Champagnat - Dep. Heitor Alencar Furtado, 1210 lj. 13 Curitiba-PR
Tel.: (041) 225-4380.

Irmãos Hauer & Cia. Limitada

Rua José Bonifácio, 66 — Fone: 222-7744
FERRAGENS EM GERAL

Bronze, latão, cobre, alumínio em barras, chapas e tubos, chapas inox — Ferramentas Gedore, Corneta, Stalpas, Motores elétricos, colas e adesivos Albal, pregos e arames, cordas de nylon e sisal, lona plástica, tintas e vernizes, máquinas elétricas BOSCH, telas, painéis e caldeiras de alumínio (linha Hotel).

Joalheria a Pérola e Ótica Moderna

JOIAS
RELOGIOS
ÓTICA
CRISTAIS
PORCELANAS
ARTIGOS PARA PRESENTES
NACIONAIS E ESTRANGEIROS
A VISTA OU A CRÉDITO
DESCONTOS ESPECIAIS

Rua Presidente Faria, 282 —
R. M. Floriano Peixoto, 12 — Fone: (041) 223-4975
CURITIBA — PARANÁ

VOX DEI

Polska odetchnęła z ulgą, a wraz z Krajem cała emigracja. Tymniński nie tylko przegrał wybory ale miał poważne trudności aby wyjechać z Polski. Musiał zapłacić dolarową sto tysięczną kaucję. W liście z Kraju piszą do nas przyjaciele, że nieoczekiwana ilość głosów na Tymnińskiego i względnie mała ilość głosów uzyskana przez Wałęsę w pierwszej rundzie wyborów przebudziły Naród polski z letargu (i Wałęsę też!). A więc nie ma tego złego co na dobre nie wyjdzie. Wybór Wałęsę na pierwszego prezydenta RP w wyborach powszechnych jest pewnego rodzaju zaskoczeniem. Należy ułożyć w stronę historii, albowiem powstanie "Solidarności" wywołało trzęsienie ziemi polityczno-społeczne nie tylko w Europie wschodniej. A wschodząca gwiazda tej rewolucji pokojowej przewodniczący "Solidarności", laureat pokojowej nagrody Nobla i Prezydent Rzeczypospolitej Polski Lech Wałęsa jeszcze dużo do o sobie usłyszeć. Oby to były dobre wieści i dobre słowa.

W Tygodniku Powszechnym z 9 grudnia Jerzy Turowicz (legendarna postać oporu przeciw totalitaryzmowi i obrońca humanizmu chrześcijańskiego) zwrócił się z apelem aby Naród polski głosował na Wałęsę. Mazowiecki zresztą też. Z wspomnianych listów z Polski wynika, że tak właśnie się stało. Ci co w pierwszej turze głosowali na Mazowieckiego w drugiej — pomimo różnicy zdań — poparli kandydaturę Wałęsę.

A więc o ile w pierwszym głosowaniu vox populi stworzył pewne zagrożenie dla młodej, doskonalącej się polskiej demokracji o tyle w drugiej rundzie przeważał vox Dei. Nastąpiło zjednoczenie, wbrew uczuciom. Prawdziwa solidarność. Autentyczna, bo uczucia nie osobiste poglądy lecz dobro wspólne. I chyba tylko tak można interpretować słynne powiedzenie VOX POPULI VOX DEI. Gdy ludzie budzą się z letargu i nie ulegają swoim namietnościom i swoim chimierom głos ich t. j. vox populi staje się prawdziwie vox Dei.

I teraz już możemy z optymizmem patrzeć w przyszłość. Naród Polski — w ogromnej większości — zdał egzamin z dojrzałości demokratycznej. Popieramy całą siłą, najlepszą dobrą wolą nowego prezydenta.

Tomasz Lychowski

22 grudnia 1990 r.

Nagroda pisarska PFK im. Edwarda Raczyńskiego

Zgodnie z intencją Fundatorów i Statutem Nagrody za najwybitniejszą historyczno-polityczną książkę roku, przyznana ona będzie za rok wydawniczy 1990 w czerwcu br.

W związku z tym autorzy i wydawcy, zarówno w Kraju jak i poza Krajem, proszeni są o przesłanie dwóch egzemplarzy książek zgłaszanych do rozpatrzenia przez Jury, możliwie jak najwcześniej, a w każdym razie przed 1 kwietnia br. na adres:

Mjr Andrzej Suchcitz, Instytut Polski i Muzeum im. gen. Sikorskiego, 20 Princes Gate, London SW 7 1PT — Inglatera.

Polska skarbnica nad Tamisą

Jest takie miejsce w Londynie, gdzie Polak odczuwa dumę i wzruszenie. To Instytut Polski i Muzeum im. Gen. W. Sikorskiego. Kilkadziesiąt tysięcy eksponatów przypomina o chwale historii Polski i oręża polskiego. Archiwalia są cennym źródłem dla badaczy polskich dziejów, a w szczególności — historii polityczno-wojennej II wojny światowej. Ze wzruszeniem ogląda się takie eksponaty, jak m. in. biurko gen. Sikorskiego i gen. Andersa, aparaty nadawcze do łączności z krajem w latach okupacji, egzemplarz Enigmy, mundur gen. Sikorskiego i jego córki Zofii, wywołone po wypadku w Gibraltarze, dzwony przedwojennych okrętów "ORP Krakowiak" i "ORP Piorun", militaria, a z dawniejszej epoki m. in. zbroje husarskie i broń.

Placówka ma 3 zasadnicze plony: Muzeum, Archiwum, Biblioteka. Z Biblioteki Filmowej korzystają telewizje zachodnioeuropejskie, które w swoich programach o Polsce coraz częściej wprowadzają motywy z działalności Armii Polskiej przed wojną, w kampanii wrześniowej oraz z dokonania Polskich Sił Zbrojnych na morzu, w powietrzu i na frontach Afryki Pn., Norwegii, Francji, Włoch, Holandii, Belgii i Niemiec. Londyński Instytut jest pomysły jako instytucja ogólnonarodowa, stanowiąca własność wszystkich Polaków, a jednym z jej głównych obowiązków jest rola strażnika prawdy historycznej o Polsce i polskim wkładzie w II wojnę światową.

WIADOMOŚCI Z POLSKI

◆ Przewodniczącym Klubu Parlamentarnego Unii Demokratycznej wybrany został prof. Bronisław Geremek.

◆ Kancelaria Prezydenta RP uruchomiła telefon, pod którym przyjmowane są zgłoszenia wszystkich organizacji zainteresowanych uczestnictwem w Radzie Politycznej. W pierwszym dniu funkcjonowania telefonu akces zgłosiło 21 organizacji, natomiast do końca ub. tygodnia chcę uczestniczenia w pracach Rady wyraziło ok. 80 partii, ugrupowań i stowarzyszeń.

◆ Stocznicy ze Stoczni Gdańskiej ogłosił tzw. strajk gdański polegający na nie wpuszczaniu na teren stoczni zatrudnionych w działających na jej terenie pracowników spółek.

◆ Papież Jan Paweł II ustanowił ponownie w Polsce ordynariat wojskowy i mianował 45-letniego ks. pralata Sławoja Leszka Głódzia biskupem polowym.

◆ O 100 proc. wzrosną od 1 marca czynsze za mieszkania w domach komunalnych, zakładowych i prywatnych, następnie podwyżka o ok. 50 proc. przewidywana jest od 1 lipca br.

◆ Duńczycy, Szwedzi, Finowie i Szwajcarzy razili się w 1990 r. polskimi rakami. Eksporterem raków polskich jest Międzynarodowy Zespół Rybacki w Lublinie eksportujący raki szlachetne i błotne.

◆ Polska wysłała w roku 1990 kilka polskich żubrów do Francji. Wysłanie tych niesłychanie rzadkich zwierząt jest pewnego rodzaju rewanżem za francuską pomoc w ochronie środowiska w Polsce.

Sopocka szkoła języka polskiego

Nowa sytuacja polityczna w Polsce wymaga nowych rozwiązań.

Na skutek zmian powstają w Polsce różne ośrodki naukowe, szkoły, gimnazja, wyższe uczelnie, które mają na celu uzupełnienie braków spowodowanych przez komunistyczny system oświatowy. Na gwałt ściąga się z Zachodu nauczycieli, którzy mogliby uczyć czy wykladać w tych nowo powstałych szkołach czy wyższych uczelniach. Propaguje się język angielski, który powoli staje się międzynarodowym językiem Zachodu. Urządza się kursy i wykłady dla cudzoziemców, aby pracując w Polsce, mogli nie tylko nauczyć się języka polskiego, ale też i poznać przebogata polską historię i kulturę.

Do takiej właśnie inicjatywy, wychodzącej ku potrzebom przyszłych lat, kiedy kontakty ekonomiczne i zawodowe z Zachodem będą coraz częstsze, zaliczyć trzeba Sopocką Szkołę Języka Polskiego, która rozpocznie swą działalność 1 lipca tego roku. Szkoła ta jest pierwszą, prywatną instytucją, której celem jest prowadzenie działalności szkoleniowej w zakresie kursów języka polskiego i kultury polskiej dla obcokrajowców. Klientela szkoły będą osoby dorosłe — 18 lat wzwyż — przeważnie studenci wyższych uczelni. Choć nie tylko, bo na pewno szkoła tą zainteresują się i naukowcy, politycy czy businessmeni zagraniczni, którzy, chcąc utrzymywać kontakty z Polską, będą też chcieli znać język polski.

W przyszłości szkoła rozszerzy swą działalność i będzie również organizować kursy szkoleniowe dla starszych dzieci i młodzieży polonijnej, dla tych, którzy dotychczas pobierają naukę w polskich szkołach sobotnich a już niedługo będą to mogli też robić w Polsce podczas wakacji szkolnych.

W szkole wykladać będą poloniści i inne kadry mające właściwie przygotowanie pedagogiczne i kwalifikacje zawodowe, a program zajęć został przygotowany przez metodyka z wieloletnim doświadczeniem w zakresie kształcenia obcokrajowców. Szkoła będzie urządziła kursy przez cały rok na okrągło, przyjmując z miejsca około 140 uczniów. Klasy będą małe i podzielone na poziomy,

od tych początkujących, nie znających zupełnie języka polskiego, do tych już dobrze w języku tym zaawansowanych. Kursy będą trwać od 4 do 12 tygodni i obejmować będą nie tylko naukę języka, ale też i wykłady z literatury, historii, malarstwa, businessu itd.

Sopot jest pięknie położoną miejscowością nad morzem. Należąc do Trójmiasta ma w pobliżu Gdańsk i Gdynię, a zarazem piękne plaże, zabytki historyczne, teatry, kina i ośrodki sportowe. Studenti mogą być zakwaterowani w hotelach — jeśli kieszonkowe pozwala im na to, w akademikach studenckich, domach wypoczynkowych lub przy rodzinie i cenie mieszkania i utrzymania są całkiem przystępne. Same kursy kosztują od 320 dolarów za miesięczny kurs do 870 dolarów za 12 tygodniowy. Ponieważ jest w programie sporo czasu wolnego, to organizowane są spotkania towarzyskie, wycieczki, koncerty itd.

Założycielem i "de facto" właścicielem szkoły sopockiej jest Włodzimierz Korab-Karpowicz, absolwent Politechniki Gdańskiej. Stan wojenny zaskoczył go w Niemczech, gdzie spędzał rok na uniwersytecie w Monachium. Nie wrócił już do Polski kontynuując studia w Kanadzie, Ameryce a ostatnio w Oksfordzie. Zmiany w Polsce zmobilizowały go do powrotu do kraju. Wrócił, aby założyć szkołę w której będzie przekazywał doświadczenie zdobyte na Zachodzie i w którą zainwestował pieniądze zarobione i zaoszczędzone na Zachodzie. A założeniem takiej szkoły ponosi za sobą ryzyko finansowe, które kierownik szkoły wziął na siebie.

Możliwe jest uzyskanie stypendiów na naukę języka polskiego w Szkole. Umożliwia to niedawno otwarty schemat stypendialny TEMPUS, ufundowany przez Komisję Wspólnoty Europejskiej w Brukseli. Ma on na celu rozwinięcie wymiany naukowo-kulturalnej między krajami Europy Zachodniej a Polską i Węgrami i jest przeznaczony dla studentów wyższych uczelni. Więcej informacji można uzyskać we właściwym organie administracyjnym każdego ośrodka akademickiego w Wielkiej Brytanii i innych krajach EWG.

Szkoła Sopocka będzie ośrodkiem małym, obliczonym na 50-150 studentów.

Polska zatrzymała sowiecki transport

Jak oświadczył rzecznik PKP, polska straż graniczna zatrzymała sowiecki pociąg w pobliżu Szczecina, ponieważ jego przejazd do odległej o 800 km Medyki na granicy z ZSRR, nie został uzgodniony z władzami polskimi. Po dwugodzinnej utarcce słownej, pociąg przewożący ok. 200 żołnierzy i 9 czołgów, zawrócił do Niemiec.

"Jesteśmy gotowi do ułatwienia im tranzytu — powiedział Wnukowski — ale ponieważ tego rodzaju pociągi wymagają specjalnej ochrony, muszą być odpowiednio rozplanowane, w przeciwnym razie powstanie chaos".

Warszawa i Moskwa są w trakcie negocjacji tranzytu 370.000 żołnierzy, których ZW. Sowietki musi do 1994 r. wycofać z terenów dawnego NRD. Polska jest słusznie zdania, że tak olbrzymia operacja przerzutowa nie może się rozpocząć, dopóki oddzielny kontyngent 50.000 żołnierzy sowieckich, stacjonujących w Polsce, nie zacznie się wycofywać. W końcu b. tygodnia polska delegacja międzyresortowa wyjeżdża na kolejną turę rozmów do Moskwy. Jak dotąd, ZSRR nie zgadza się na wycofanie swoich oddziałów z Polski do końca b. roku.

Rzecznik PKP poinformował również, że inspektorzy kolejowi zatrzymali w pobliżu Warszawy, inny transport sowiecki, składający się z dwóch pociągów wojskowych, po wykryciu, że dokumenty tranzytowe nie zgadzały się z numerami rejestracyjnymi pociągów. Transportowi pozwolono jednak kontynuować podróż w kierunku granicy sowieckiej.

Wicepremier Balcerowicz w Brukseli

"SZANSE NA MNIEJSZEJENIE DŁUGU"

Wicepremier Leszek Balcerowicz powrócił po Europie Zachodniej. Odbył on rozmowy na temat polskiej gospodarki w Strasburgu i Brukseli. W Strasburgu, gdzie głosił przemówienie na sesji Zgromadzenia Parlamentarnej Rady Europy, wręczono mu "Pro Merito" za osiągnięcia w ekonomii.

Po powrocie do Warszawy Balcerowicz działał jako dziennikarz, że jego zdaniem dla postulatów redukcji zadłużenia rosnąć się liczyć z tym — powiedział Balcerowicz, redukcja długu może nie być identyczna z tymi postulatami tzn. nie udamy nam się do 80-procentowej redukcji. Ponadto, może być rozłożona w czasie i uzależniona od tego, co będzie działo w polskiej polityce i gospodarce. Mam wrażenia, że poparcie dla polskiego programu zwiększyło się".

Rozmowy o zadłużeniu, polski wicepremier prowadził b. premierem Francji Michaelem Delors i prezesem Komisji Europejskiej Jacques'em Delorssem. W siedzibie Wspólnoty Europejskiej w Brukseli omawiano też sprzecznym zdaniem polskiej gospodarki i produktów rolnych i wyrobów tekstylnych na rynku europejskim. Balcerowicz przedstawił postulat podpisania umowy o stowarzyszeniu z Wspólnotą, zaznaczając, że pełna redukcja kosztów jest celem ostatecznym. Postawił też, by Wspólnota popierała procesy przemysłowe przez pomoc dla regionów zapożyczonych i zagrożonych bezrobociem.

W czasie wszystkich rozmów Balcerowicz kreślał, że plan gospodarczy nie uległ zmianie, prezydenturą Lecha Wałęsy. Wicepremier, czyli też, że obecnie prowadzone są rozmowy Międzynarodowym Funduszem Walutowym o nowy program gospodarczy, który nie będzie szerszy niż program poprzedni i wad reformy na najbliższe trzy lata.

Balcerowicz przekazał Delorsowi informację o stanie negocjacji z MFW, które są one mogące podstawę do rozmów z Klubem Paryskim w sprawie redukcji polskiego zadłużenia.

Polska zwróciła się do państw-wiernych do zmniejszenia zadłużenia, zwracając uwagę, że sukces lub niepowodzenie reform w Polsce nie wpływa nie tylko na sytuację wewnętrzną, ale także na inne państwa bloku komunistycznego, które przeżywają podobne do polskiej sytuacji.

Zgromadzenie Parlamentarne Rady Europejskiej wezwowało kraje członkowskie, by "w porozumieniu z państwami bloku komunistycznego" rozważyły możliwość redukcji zadłużenia państw Europy Wschodniej.



AUTO VIDROS S. CRISTÓVÃO

Auto Vidros São Cristóvão

TEM DE TUDO — VIDROS ORIGINAIS
AUTOMÓVEIS E CAMINHÕES, BARRAS
E ACESSÓRIOS — COLOCAÇÃO — ALI-
— O MELHOR EM PREÇOS E SERVIÇO

MATRIZ: Rua Nilo Cairo, 52 — Adm. São
Cristóvão — CEP 80.060

FILIAL 01: Rua Conselheiro Laurindo,
Ramales 114 e 115 — CEP 80.060

FILIAL 02: Rodovia BR-116 — Km 10 —
17.745 — Ramales 114 e 115 —
81.500 — CURITIBA — PARANÁ

FILIAL 03: Av. Gal. Charles de Gaulle,
CEP 05.124 — FONE (11) 8016-1161 —
3646 — Telex (11) 8016-1161 —
Parque São Domingos — São
Cristóvão — PAULO-SP

ATACADO PABX: (041) 222-6565
TELEX: (041) 2188